

Revista Eutomia - Ano III - Volume 2 - Dezembro/2010

História e Historiografia da Linguística: *Status, Modelos e Classificações*

Pierre Swiggers¹ (K.U. Leuven)

Tradução da Profa. Dra. Cristina Altman (USP)

Resumo:

O artigo define a historiografia linguística como um empreendimento interdisciplinar, com sua organização interna, e com os padrões metodológicos e epistemológicos a serem atingidos no trabalho historiográfico.

Palavras-chave : Historiografia linguística, meta-historiografia, epistemologia, metodologia

Abstract:

The paper deals with the status of linguistic historiography as an interdisciplinary undertaking with its internal organization, and with the methodological and epistemological standards it has to meet.

Key-words: Linguistic historiography, metahistoriography, epistemology, methodology

1. Historiografia linguística: definindo o campo

Em prosseguimento à sua organização profissional, que começou nos anos setenta, a historiografia linguística tem testemunhado um crescimento espetacular no número dos seus praticantes – especialmente na Europa, e, ao longo das duas últimas décadas, nas Américas – o campo pode festejar igualmente a existência de vários periódicos especializados de alto nível². Mesmo assim, continuam a existir muitas dúvidas sobre o campo, os objetivos e os métodos da

² *Historiographia Linguistica* (1974–); *Histoire, Épistémologie, Langage* (1979–); *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* (1991–). Outro fator importante no processo de institucionalização do campo tem sido a organização de conferências internacionais trienais sobre a história das ciências da linguagem (a primeira *International Conference on the History of the Language Sciences, ICHoLS*), organizada por E.F.K. Koerner, foi promovida em Ottawa, em 1978). Deveria ser assinalado também que agora temos à disposição uma série de antologias multiautorais e abrangentes sobre a história da linguística: por ex., Auroux (ed. 1989–2000), Auroux; Koerner; Niederehe; Versteegh (eds. 2000–2006), Lepschy (ed. 1994–98), Schmitter (ed. 1987–2007) e Sebeok (ed. 1975). V., também, as coletâneas bastante úteis editadas por Hymes (ed. 1974) e Parret (ed. 1976). Para uma pequena *check-list* (de coletâneas, manuais, compilações), v. Swiggers (1987a).

historiografia linguística, para não mencionar as atitudes condescendentes para com pesquisadores propensos a cultivar sua ignorância em história da linguística. Pode valer a pena, portanto, esclarecer alguns assuntos que tratem do escopo e do potencial da historiografia linguística³.

Começarei com uma definição do campo⁴. A historiografia linguística é o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares (cujo impacto pode ser ‘positivo’, i.e. estimulante, ou ‘negativo’, i.e. inibidores ou desestimulantes), de como o conhecimento linguístico, ou mais genericamente, o *know-how* linguístico foi obtido e implementado. Esta definição acarreta dois corolários:

(1) A historiografia linguística é uma disciplina que se situa na interseção da *linguística* (e sua metodologia), da *história* (história dos contextos sócio-cultural e institucional), da *filosofia* (desde a história das ideias e *epistêmês*⁵ até a história das doutrinas filosóficas), e da *sociologia da ciência*⁶. Resumindo: a historiografia linguística oferece uma descrição e uma explicação da história contextualizada das ideias linguísticas⁷.

(2) A historiografia linguística tem que partir de uma fase heurística⁸, e avançar através de uma análise “argumentativa” e de uma síntese histórico-comparativa, em direção a uma hermenêutica historicamente fundamentada do conhecimento/*know how* linguístico. Ela pergunta e tenta responder questões do tipo: como o conhecimento linguístico foi adquirido? como foi formulado? como foi difundido? (em círculos ‘participativos?’) como tem sido preservado? por que foi preservado (ou perdido), e de que maneira? quais têm sido as relações (em termos de

³ Pode-se fazer referência ao leitor do seguinte conjunto de publicações que tratam de problemas metodológicos e epistemológicos no campo da historiografia linguística: Dutz (1990), Grotzsch (1982), Hullen (ed. 1990), Koerner (1978, 1989, 1995, 1999, 2004, 2007), Schmitter (1982, 2003), Schmitter; Van der Wal (eds. 1998), Swiggers (1981a,b, 1983, 1984, 1990, 1991a, 2004, 2006, 2009).

⁴ Para uma rápida revisão do campo e seus métodos, v. Swiggers (1998, 2003a).

⁵ Estou usando aqui o termo de Foucault (1966, 1969), que oferece um vasto potencial de aplicações à história das ideias linguística (cf. também SWIGGERS, 1997).

⁶ V. especialmente os *insights* oferecidos por Fernández Pérez (1986) e Murray (1994). Sobre a competência interdisciplinar requerida pelo trabalho historiográfico em linguística, veja-se Malkiel; Langdon (1969); e cf. Simone (1995). Para uma perspectiva interessante oferecida por uma abordagem sociológica da história da filosofia, v. Collins (1998).

⁷ Para uma discussão metodológica da questão da ‘contextualização’, v. Law (1998). Para estudos que ilustram a história das ideias linguísticas contextualizada na Antiguidade, v. Swiggers; Wouters (eds. 1996). O manual de história da linguística de Law (LAW, 2003) é uma tentativa de oferecer um relato das ideias linguísticas no seu contexto político e sociocultural.

⁸ Relativamente à questão heurística, não se pode negar que historiógrafos da linguística têm se apoiado em “grandes textos” do passado frequentemente demais. Como consequência, nossa história tem sido uma história altamente convencional (assim como muito centrada na Europa), que exclui muito frequentemente as produções “menores” (ex., gramáticas escolares, dicionários práticos, informações encontrada em enciclopédias e trabalhos gerais de referência). Entretanto, as fontes consideradas “marginais” frequentemente iluminam o *background* institucional, ideológico e pessoal das ideias e das teorias linguísticas. Neste caso, frequentemente atingimos o estado emergente das ideias e modelos, assim como as autoavaliações “escondidas”, ou as reflexões sobre as práticas científicas que nunca são encontradas nas fontes canônicas publicadas. Sobre essa questão, v. De Clercq; Swiggers (1991).

influência, poder, longevidade curta ou ampla, etc.) entre as “extensões” coexistentes ou subsequentes ao conhecimento linguístico?

(3) A historiografia linguística faz perguntas linguisticamente relevantes sobre as “práticas historicamente relacionadas à linguagem”⁹: assim, historiógrafos da linguística podem, ou devem, oferecer *insights* aos linguistas interessados “no que estão fazendo”¹⁰.

2. Organograma do campo

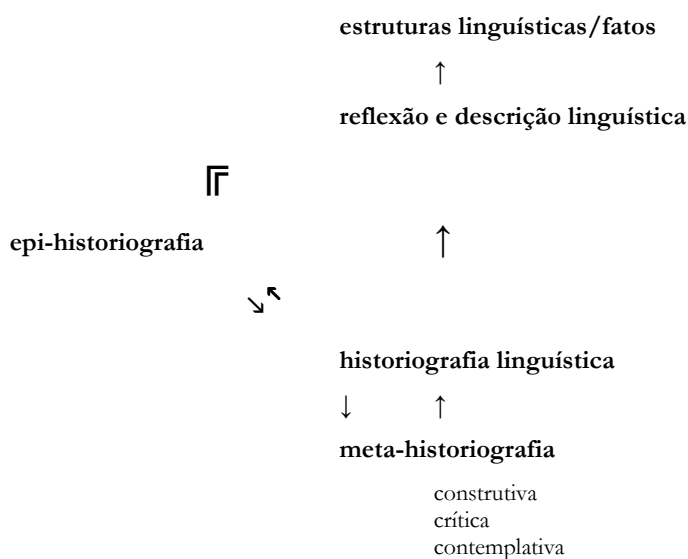
Mais do que comentar os empreendimentos existentes,¹¹ ou as possíveis práticas em historiografia linguística – em termos de (a) tipos de dados com que se lida, (b) “profundidade” (ou extensão) da análise, ou (c) maior ou menor enfoque nos fatores “internos”, ou, ao contrário, “externos” no curso histórico da linguística – pode ser mais útil considerar a organização do campo em termos de relações de entrada e de saída.

O organograma abaixo visualiza a organização do campo:

⁹ Para uma abordagem da história da linguística orientada para a práxis, v. o volume editado por Desmet; Jooken; Schmitter; Swiggers (2000).

¹⁰ Pode-se lembrar o esforço de Saussure, no seu trabalho em linguística geral, em tornar os linguistas conscientes do que eles estão realmente estudando e como eles devem proceder. Em uma carta (datada de 4 de janeiro de 1894), ele escreveu a seu ex-aluno Antoine Meillet: “Mais je suis bien dégoûté de tout cela et de la difficulté qu’il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l’immensité du travail qu’il faudrait pour montrer au linguiste *ce qu’il fait*, en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue, et en même temps l’assez grande variété de tout ce qu’on peut faire finalement en linguistique. [...] Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme, j’expliquerai pourquoi il n’y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j’accorde un sens quelconque. Et ce n’est qu’après cela, je l’avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l’avais laissé”. [Mas estou bem desgostoso de tudo isso e da dificuldade que existe em geral de se escrever dez linhas que tenham senso comum em matéria de fatos de língua. Preocupado sobretudo, há muito tempo, com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista sob os quais nós os tratamos, vejo cada vez mais a imensidão do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguista *o que ele faz*, reduzindo cada operação à sua categoria prevista e, ao mesmo tempo, à enorme variedade de tudo o que se poderia fazer, finalmente, em linguística. [...] Isso acabará, contra minha vontade, em um livro em que, sem entusiasmo, eu explicarei por que não há um só termo empregado em linguística ao qual eu atribua um sentido qualquer. Não é senão depois disso, confesso, que poderei retomar meu trabalho do ponto em que o deixei.”]

¹¹ Para uma análise crítica de vários manuais de história da linguística, v. Grottsch (1982) e Schmitter (1982).



▮	simboliza uma relação de ‘integração material’ (informação factual)
↑	simboliza a relação entre descrição e objeto (de descrição)
↓ ↑	simboliza alimentação cruzada e enriquecimento mútuo

Os componentes básicos deste organograma podem ser definidos sucintamente da seguinte maneira:

■ *estruturas linguísticas/fatos*: são os fatos (selecionados),¹² ou conjuntos de fatos relacionados às estruturas linguísticas e às situações linguísticas que (no passado) foram objeto de reflexão linguística, ou de descrição;

■ *reflexão e descrição linguísticas*: este nível inclui todos os tipos de práticas e de conceptualizações¹³ que tratam (mesmo fragmentariamente) de análise, regulação, comparação (histórica/geográfica/tipológica), classificação, avaliação (estética) de línguas. O rótulo “reflexão e descrição linguísticas” inclui, pois, uma ampla gama de “operações” (mais ou menos) linguisticamente relevantes sobre estruturas linguísticas; estas vão desde o nível da linguística folclórica [*folk-linguistics*] (*folk-etimologia*; trocadilhos e jogos de palavras) e o desenvolvimento, desde apontamentos técnicos até modelos sofisticados de análise linguística e metodologias de

¹² Para uma discussão sobre a singularidade dos fatos históricos em geral, v. Veyne (1971).

¹³ Swiggers (1991b) oferece um quadro de trabalho para o estudo da conceptualização linguística subjacente à formulação do conhecimento (relacionado com a linguagem); baseia-se na ideia de que a formação de conceitos novos envolve basicamente a transferência ou o deslocamento de ideias (cf. TOULMIN 1960 e SCHON 1963). Em tal perspectiva, a constituição do conhecimento linguístico basicamente envolve um processo de transposição ou metaforização. Em Swiggers (1991b), distingi três níveis de metaforização: (a) metaforização plana, ou superficial; (b) metaforização que envolve a transferência entre domínios cognitivos adjacentes; (c) metaforização que se enraíza na esquematização de estruturas linguísticas ou em uma visão global da linguagem. Para um estudo de simbolização diagramática ou tabular em teorias linguísticas, v. Roggenbück (2005).

comparação linguística em escala mundial. O curso histórico da “reflexão e descrição linguísticas” constitui a *história da linguística* (a ser interpretada no seu sentido “ontológico”).

■ *historiografia linguística*: a narrativa descritivo-explicativa¹⁴ da reflexão e descrição linguística no passado (“passado” que se estende até o presente do historiógrafo)¹⁵;

■ *epi-historiografia*: este ramo “lateral” da historiografia concerne à história dos “agentes” (pesquisadores individuais,¹⁶ ou grupos de pesquisadores de uma língua), e “materiais produzidos” (papiros, manuscritos, livros, artigos, textos eletrônicos, etc.), esses últimos constituem o depósito do conhecimento linguístico¹⁷. Em acréscimo, o componente epi-historiográfico também integra o material documental produzido por historiógrafos, como meio de apoio e reforço à pesquisa meta-historiográfica.

■ *meta-historiografia*: o campo das atividades reflexivas que tomam por objeto as práticas e os produtos historiográficos.¹⁸ É possível distinguir três tarefas básicas (e, conseqüentemente, componentes) da meta-historiografia: (a) construtiva; (b) crítica; (c) contemplativa. A meta-historiografia construtiva almeja o desenvolvimento de modelos para a narrativa da história da reflexão e descrição linguísticas, e a articulação de uma metalinguagem coerente, abrangente e precisa. A meta-historiografia crítica consiste em avaliar, no nível da documentação empírica e no nível dos princípios metodológicos e epistemológicos, os produtos resultantes da prática historiográfica. A meta-historiografia contemplativa diz respeito à definição do objeto e do *status* da historiografia linguística, aos fundamentos e à justificativa de formatos e perfis historiográficos, e a problemas “transcendentes”, tais como o conceito de “fato histórico”, ou a noção de “verdade” na história da linguística.

3. Abordagens e perfis

O estudo do conhecimento/*know-how* linguístico no seu curso histórico apoia-se em *dois tipos básicos* de análise¹⁹: (1) uma abordagem “discriminadora” (ou discriminador-imanente), que focaliza a emergência de *insights* linguísticos específicos, sua formulação e difusão, sua possível

¹⁴ Enquanto escrita da história, todas as instâncias da historiografia linguística, até certo ponto, envolvem um relato “narrativo” (v. Schmitter 1994).

¹⁵ I.e. o passado é um feixe de segmentos que flui até o “presente”, a posição mutável do observador.

¹⁶ Para uma coletânea de textos biobibliográficos sucintos sobre estudiosos da história da linguística, v. Stammerjohann (ed. 2009).

¹⁷ Sobre os requisitos para se prover edições críticas e comentários sobre textos-fonte, v. Gómez Asencio (2007).

¹⁸ Para uma ampla discussão sobre os conteúdos e os desafios teóricos da meta-historiografia, v. Schmitter (1990, 2003) e Swiggers; Desmet; Jooken (1998a, b).

¹⁹ Para um paralelo traçado entre a história da língua vs a história da gramática, v. Swiggers (1983). Com efeito, a dupla abordagem da história da linguística – como uma sucessão de conteúdos formais aos quais se acoplam técnicas, e como o desenvolvimento de uma “cultura linguística” – encontra um paralelo no estudo diacrônico da língua: aqui também existe a escolha metodológica entre a gramática histórica e a história (sociocultural) de uma língua, sendo que as duas abordagens iluminam aspectos diferentes de uma evolução complexa.

transformação (adaptação ou “exaptação”), sua sobrevivência ou desaparecimento; (2) uma abordagem tipologizante, que focaliza modelos (ou modelizações) do conhecimento linguístico.

Abordagens do primeiro tipo²⁰ favorecem a análise de (a) teorias e conceitos apresentados por autores individuais; (b) a emergência e a divulgação de termos²¹/conceitos específicos; (c) a recepção de doutrinas, *insights* ou técnicas. Abordagens do segundo tipo focalizam a (frequentemente lenta) elaboração de “programas (de pesquisa)”²² na história da linguística, a continuidade da “pesquisa orientada para a palavra”²³ na linguística ocidental, da Antiguidade até o século XIX, ou a evolução geral de modelos de base referencial para modelos de base intensional, como acontece na história das classes das palavras e dos seus acidentes na linguística ocidental.

Não há antagonismo real entre os dois tipos de abordagens, e até certo ponto eles podem ser combinados em um único e mesmo estudo. É claro, entretanto, que a abordagem discriminadora tem uma inclinação maior para a história das ideias e das “conquistas” linguísticas, donde uma história *res gestae*, enquanto que o segundo tipo de abordagem tenderá para uma história de modelos e programas, i.e. uma história dos *objetivos* da linguística.

Igualmente, os dois tipos de abordagens podem ser relacionados a *perfis* divergentes de narrativa histórica: enquanto a abordagem discriminadora é muito mais sujeita a um tratamento “atomístico” ou “estrutural-conceptual”, a abordagem tipologizante tende a seguir um perfil “axiomático-arquitetônico” ou “teórico-correlativo”²⁴. Mas então, novamente, um modo “sociocorrelativo” de narrativa histórica se imporá para ambos os tipos, quando a pesquisa focalizar a contextualização social e institucional das ideias linguísticas.

²⁰ Para exemplo de um tipo de estudo que focaliza a emergência e a evolução de um conceito (e uma técnica) particular, viz. análise sujeito-predicado, v. Elffers-Van Ketel (1991).

²¹ Vários estudos historiográficos sobre termos linguísticos podem ser encontrados em Colombat; Savelli (eds. 2001).

²² Em Swiggers (1981a, 1991a; cf. 2004), argumentei a favor do uso de um conjunto descritivo de quatro programas de investigação, que podemos discernir ao longo da história da linguística: o programa de *correspondência* (a linguagem é vista em sua correlação com o pensamento e a realidade); o programa *descritivista* (a linguagem é vista como constituída de entidades formais e funcionais e de relações que podem ser capturadas por uma abordagem descritiva), o programa *sociocultural* (a linguagem é vista em sua relação com *strata* sociais e com configurações socioculturais), e o programa de *projeção* (a linguagem é vista como constituída de “distritos” que podem ser descritos em termos de um quadro de trabalho lógico-intensional ou lógico-extensional). Nas publicações a que nos referimos, o leitor pode encontrar uma descrição de cada um desses quatro programas em termos do seu (a) escopo, (b) área/ângulo de incidência, e (c) técnica(s).

²³ V., ex., Law (1990).

²⁴ Por “*perfil*”, entendo a integração, no quadro do relato historiográfico (narrativo, cf. nota 13), ou de (1) um foco na sequência cronológica de eventos particulares no curso da história da linguística (perfil atomístico); (2) uma preferência dada à análise interna de um conjunto de determinados conceitos que correspondem a uma “teoria” ou “modelo” (perfil conceptual-estrutural); (3) uma comparação de teorias em termos de pressupostos, hipóteses, teoremas, demonstrações empíricas, predições, etc. (perfil axiomático- arquitetônico); (4) um estudo de correlações entre ideias (teorias) e contextos, i.e. contextos ecolinguístico, sociocultural, político, institucional (perfil teórico-correlativo). Deve ser enfatizado que não há relação um-a-um absoluta (nem “exclusão”) entre perfis e abordagens; ex. Um perfil axiomático-arquitetônico pode ser aplicado no quadro de uma análise discriminador-imanente de um conjunto particular de conceitos (e então será também diretamente útil para uma abordagem tipologizante).

4. Sinopse da terminologia do historiógrafo da linguística

O aparato terminológico²⁵ do historiógrafo da linguística relaciona-se crucialmente a três áreas de descrição e explicação:

(1) **pontos de ancoragem e agrupamentos**: aqui a terminologia lida com

(1a) *entidades discretas*: textos²⁶, autores, usuários;

(1b) *contínuos*: redes, instituições, escolas, círculos, sociedades.

(2) **linhas de evolução**: aqui, a terminologia do historiógrafo diz respeito a:

(2a) *o curso evolutivo geral*²⁷: mudança; revolução; progresso/estagnação/regressão; manutenção/perda/recorrência; continuidade/descontinuidade²⁸; inovação; antecipação;

(2b) *relações no tempo*: fontes; modelo; influência; ‘horizonte de retrospectão’²⁹; ‘confrontos (teóricos)’;

(2c) *segmentos evolutivos*: programas de investigação³⁰; tradições³¹; cinosuras³²; paradigmas³³.

²⁵ Sobre a metalinguagem do historiador em geral, v. Ankersmit (1981) e Swiggers (1987b).

²⁶ Em Colombat; Lazcano (eds. 1998–2000) pode-se encontrar uma descrição de idêntico formato de um *corpus* representativo de textos-fonte extraídos da história de várias tradições linguísticas.

²⁷ A questão da dinâmica evolucionária da linguística deveria, na minha visão, (cf. SWIGGERS, 2004, 2006) distinguir entre processos a curto prazo, médio prazo e longo prazo (cf. a distinção de Braudel entre *courte durée* [curta duração], *moyenne durée* [média duração] e *longue durée* [longa duração]; v. BRAUDEL, 1949, 1967–70), e deveria ser explicada em termos de discrepâncias e diferença no ritmo evolucionário entre as várias camadas de pensamento linguístico e prática: uma camada “teórica”, uma camada “técnica”, uma camada “documental” e uma camada “contextual-institucional” (cf. o modelo de três camadas de Galison para a descrição da evolução em microfísica; GALISON, 1987, 1997).

²⁸ V. Robins (1976) e Swiggers (2003). Para um estudo de caso, viz. a transformação (ou ‘conversão’) do conceito de ‘etimologia’, v. Swiggers (1996).

²⁹ Para o uso desta noção em historiografia linguística, v. Aurox (1987).

³⁰ Cf. nota 21, *supra*, e v. Schmitter (1998) e Swiggers (1981a, 1991a).

³¹ A noção de ‘tradição’ pode ser entendida (e pode ser tornada operacional) em uma variedade de modos:

- 1) como uma tradição ‘nacional’ (ex. Noordegraaf [1990], que focaliza os países baixos), como uma tradição ‘étnica’ (cf. WALDMAN, 1975) ou como uma tradição ‘geograficamente definida’ (cf. MILLER, 1975); para uma ampla comparação de tradições étnico-areais da linguística, v. Itkonen (1991);
- 2) como uma tradição ligada a um paradigma científico ou a um tipo de investigação linguística (ex., a tradição da gramática histórico-comparativa); essa concepção de tradição pode, claro, ser combinada com um foco ‘nacional’ (cf. GÖBELS, 1999);
- 3) como uma tradição de ‘investimento linguístico’ em função de um alvo cultural, ideológico e/ou político; uma tradição complexa interessante de investimento linguístico vinculada a objetivos religiosos e políticos é a ‘linguística missionária’, uma tradição que se tornou um campo de pesquisa intensamente cultivado em anos recentes (cf. Zwartjes – Altman [eds. 2005]; Zwartjes – Hovdhaugen [eds. 2004]; Zwartjes – James – Ridruejo [eds. 2007]; e v. Ridruejo [2007] para uma apresentação sintética do campo e dos métodos da linguística missionária);
- 4) uma tradição, entendida de maneira muito ampla, que se define pelo foco em um subgênero da prática linguística (ex. a tradição da lexicografia bilingue/multilíngue) ou por um foco ‘tópico’ em uma língua particular (cf. HÜLLEN, 1999).

³² Este termo é usado por Hymes (1974: 21) para se referir a um agrupamento paradigmático sociolinguisticamente concebido: “Em poucas palavras, para usarmos termos correntes, uma abordagem ‘sociolinguística’ da história da linguística é necessária, se quisermos atingir a ‘adequação explicativa’. Tal abordagem deve ser um duplo estudo de ‘cinosuras e contextos’, na medida em que tem seu ponto de partida na primeira. [...] Em suma, lidar-se-á com a ocorrência de um paradigma, ou cinosura, como mais do que uma realização intelectual; lidar-se-á com ela como um processo de mudança sociocultural?”.

³³ A relevância do conceito de Kuhn para a narrativa histórica da linguística foi criticamente examinada por Percival (1976); v. também (1977).

(3) *Conteúdos, Formatos and Estratégias:*

(3a) *designações-rótulo*: tais termos se referirão a uma teoria, modelo ou abordagem particular;

(3b) *formatos*: aqui os termos se referirão a específicos

(3b₁) conceitos e princípios teóricos;

(3b₂) técnicas e estilos de descrição;

(3b₃) termos T-teóricos³⁴;

(3c) *estratégias*: aqui a terminologia do historiógrafo deveria incluir termos (ou variantes deles) tais como ‘deslocamento de conceitos’³⁵; ‘transferência/transposição’ (de conceitos/técnicas); ‘barganhas’³⁶; ‘empréstimos’; ‘adaptação/exaptação/recontextualização’ (‘novas luzes para velhos [conceitos]’); ‘marginalização’ ou ‘eclipsagem’, assim como termos que se referem à descrição de estratégias retóricas usadas na propagação de uma determinada ou no ataque de teorias em competição³⁷.

5. Perspectivas

Tratamos aqui do *status* da historiografia linguística como uma empresa interdisciplinar, com sua organização interna, e com os padrões metodológicos e epistemológicos a serem atingidos. Como disciplina acadêmica, a historiografia linguística fez progressos tremendos nas últimas poucas décadas: dentro do campo englobante das ciências da linguagem, experimentou um crescimento espetacular, não só pelo puro número de publicações, mas também pelo número de profissionais acadêmicos e pelas associações e sociedades nacionais e internacionais. Há, entretanto, ainda, muito trabalho a ser feito, não somente em termos de contribuições historiográficas empíricas e de avaliações teóricas, mas também em termos de futura (e definitiva) integração da historiografia linguística nos currículos acadêmicos do mundo todo³⁸. Mais particularmente, historiógrafos da linguística, em colaboração com historiadores das ideias e profissionais do campo da história social, deveriam (não cessar de) enfatizar o ‘padrão’ científico da narrativa histórica da linguística: como investigação interdisciplinar, baseada em fundamentos metodológicos sólidos na história da linguística, contribui com *insights* fundamentais sobre as

³⁴ Para o uso deste conceito na filosofia e na história da ciência, v. Stegmüller (1979).

³⁵ Cf. Schon (1963, p. 36, 41): “Cada teoria sobre a formação de novos conceitos também é sobre a descoberta do modo como o mundo é. [...] Metáforas, neste sentido, são os traços deixados pelo deslocamento dos conceitos. Elas testemunham complexos processos de deslocamento no tempo, assim como espécies existentes testemunham evoluções biológicas. [...] Mas o deslocamento começa com a intimação de tal similaridade e pode ser justificado depois do fato, assinalando-se a similaridade em termos que são eles mesmos resultados de deslocamento. Observação de analogias é o resultado e a justificação parcial do deslocamento de conceitos.”

³⁶ Termo francês: *marbandage* [regatear]. Para um estudo das estratégias de barganha na adaptação do modelo latino palavra-e-paradigma para os vernáculos galo-românicos na Idade Média e início da Renascença, v. Swiggers (1988).

³⁷ V., por ex., Harris (1989), e, mais geralmente, Harris (1993).

³⁸ V. Fernández Pérez (2001, 2007) para reflexões e propostas que concernem à implementação acadêmica da historiografia linguística.

conquistas (assim como sobre as oportunidades perdidas), sobre os caminhos compensadores (assim como sobre os becos sem saída), sobre os princípios (e pseudoprincípios), as técnicas³⁹ (e *bricolages*), os teoremas (e os pressupostos) que marcaram o curso evolucionário do interesse do homem pela metáfora básica que carrega o sentido (e o não-sentido) da vida: a linguagem. Uma história humana demais de orgulho e preconceito*.

Referências bibliográficas

ANKERSMIT, Frank R. *Narrative Logic*. A semantic analysis of the historian's language. PhD thesis, Groningen, 1981.

AUROUX, Sylvain. Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques. Les horizons de rétrospection. In: SCHMITTER (ed.) 1987–2007. v. 1, p.20-42.

AUROUX, Sylvain. (ed.) *Histoire des idées linguistiques*. Liège: Mardaga. 1989–2000. 3 v.
H.M.VERSTEEGH, Cornelis. (eds.) *History of the Language Sciences*. Berlin - New York: de Gruyter, 2000–2006. 3 v.

BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: Colin, 1949.

BRAUDEL, Fernand. *Civilisation matérielle, économie et capitalisme*. Paris: Colin, 1967–70.

COLLINS, Randall. *The Sociology of Philosophies*. A global theory of intellectual change. Cambridge (Mass.): The Belknap Press of Harvard University Press, 1998.

COLOMBAT, Bernard; LAZCANO, Élisabeth (eds.). *Corpus représentatif des grammaires et des traditions linguistiques*. [= *Histoire, Épistémologie, Langage*, hors-série n^{os} 2 & 3] 1998–2000. 2 v.

³⁹ V. Swiggers (2003, e no prelo) para uma argumentação sobre por que a historiografia linguística pode ser vista como uma aplicação particular da *história das técnicas* (como praticada, por ex., por Marcel Mauss, André Leroi-Gourhan, André-G. Haudricourt, etc.).

* Sou grato a Mark Amsler (Universidade de Auckland), Toon Van Hal e Alfons Wouters (ambos da K.U. Leuven), e Alfonso Zamorano Aguilar (Universidade de Córdoba) pela troca de ideias, vez ou outra, relativamente a tópicos que tratei aqui.

COLOMBAT, Bernard ; SAVELLI, Marie (eds.) Métalangage et terminologie linguistiques. *Actes du colloque international de Grenoble* (Université Stendhal – Grenoble III, 14-16 mai 1998). Leuven - Paris - Sterling: Peeters, 2001.

DE CLERCQ, Jan ; SWIGGERS, Pierre. L'histoire de la linguistique: "L'autre histoire" et "l'histoire d'une histoire". In: FELDBUSCH, E.; POGARELL, R.; WEISS, C. (eds.). *Neue Fragen der Linguistik*, Tübingen: Niemeyer, 1991. v. 1, p.15-22.

DESMET, Piet; JOOKEN, Lieve; SCHMITTER, Peter; SWIGGERS, Pierre (eds.) *The History of Linguistic and Grammatical Praxis*. Leuven - Paris - Sterling: Peeters, 2000.

DORTA, Josefa ; CORRALES, Cristóbal ; CORBELL, Dolores (eds.). *Historiografía de la lingüística en el ámbito hispánico*. Madrid: Arco Libros, 2007.

DUTZ, Klaus D. Methodologische Probleme in der Rekonstruktion sprachwissenschaftlichen Wissens. Geschichte und Geschichten. In: HÜLLEN (ed.) 1990. p.49-60.

ELFFERS-VAN KETEL, Els. *The Historiography of Grammatical Concepts*. 19th- and 20th-century changes in subject-predicate conception and the problem of their historical reconstruction. Amsterdam: Rodopi, 1991.

FERNÁNDEZ PÉREZ, Milagros. *La investigación lingüística desde la filosofía de la ciencia*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicaciones da Universidade, 1986.

FERNÁNDEZ PÉREZ, Milagros. Planes de estudio y enseñanza de la historia de la lingüística. In: MAQUIEIRA, M. ; MARTINEZ GAVILAN, M.D. ; VILLAYANDRE, M. (eds.) *Actas del Segundo Congreso de la Sociedad Española de Historiografía lingüística*, Madrid: Arco Libros, 2001. p.407-415.

FERNÁNDEZ PÉREZ, Milagros. Método de enseñanza para el aprendizaje de la historia de la lingüística. In: DORTA ; CORRALES ; CORBELL (eds.), 2007. p. 527-545.

FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.

_____. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

GALISON, Peter. *How Experiments End*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. *Image and Logic*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

GÖBELS, Astrid. *Die Tradition der Universalgrammatik im England des 17. und 18. Jahrhunderts*. Münster: Nodus, 1999.

GÓMEZ ASENCIO, José J. La edición de textos clásicos y su contribución al desarrollo de la historiografía lingüística. In: DORTA ; CORRALES ; CORBELLA (eds.), 2007, p.479-499.

GROTSCH, Klaus. *Sprachwissenschaftsgeschichtsschreibung: Ein Beitrag zur Kritik und zur historischen und methodologischen Selbstvergewisserung der Disziplin*. Göttingen: Kümmerle, 1982.

HARRIS, Randy Allen. Argumentation in Syntactic Structures. *Rhetoric Society Quarterly* 19, 1989, p. 103-124.

_____. *The Linguistics Wars*. New York: Oxford University Press, 1993.

HÜLLEN, Werner (ed.). *Understanding the Historiography of Linguistics*. Problems and Projects. Münster: Nodus, 1990.

HÜLLEN, Werner. *English Dictionaries 800–1700*. The Topical Tradition. Oxford: Clarendon, 1999.

HYMES, Dell. Introduction. Traditions and paradigms. In: HYMES (ed.), 1974, p.1-38.

HYMES, Dell H (ed.). *Studies in the History of Linguistics: Traditions and paradigms*. Bloomington: Indiana University Press, 1974.

ITKONEN, Esa. *Universal History of Linguistics: India, China, Arabia, Europe*. Amsterdam - Philadelphia: J. Benjamins, 1991.

KOERNER, E.F. Konrad. *Toward a Historiography of Linguistics*. Selected Essays. Amsterdam: J. Benjamins, 1978.

_____. *Practicing Linguistic Historiography*. Selected Essays. Amsterdam - Philadelphia: J. Benjamins, 1989.

_____. *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam - Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

_____. *Linguistic Historiography: Projects & Prospects*. Amsterdam - Philadelphia: J. Benjamins, 1999.

_____. *Essays in the History of Linguistics*. Amsterdam - Philadelphia: J. Benjamins, 2004.

_____. La Historiografía de la lingüística. Pasado, presente, futuro. In: DORTA ; CORRALES ; CORBELLA (eds.) 2007. p. 15-56.

KUHN, Thomas Samuel. *The Essential Tension*. Selected Studies in Scientific Tradition and Change. Chicago: University of Chicago Press, 1977.

LAW, Vivien. The History of Morphology: Expression of a Change in Consciousness. In: HÜLLEN (ed.), 1990. p.61-74.

_____. In Defense of Contextualism. In: SCHMITTER; VAN DER WAL (eds.), 1998. p.119-125.

_____. *The History of Linguistics in Europe from Plato to 1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LEPSCHY, Giulio (ed.). *History of Linguistics*. London: Longman, 1994–98. 4v.

MALKIEL, Yakov; LANGDON, Margaret. History and Histories of Linguistics. *Romance Philology* 22, 1969, p.530-569.

MILLER, Roy Andrew. The Far East. In: SEBEOK (ed.), 1975. p.1214-1264.

MURRAY, Stephen O. *Theory Groups and the Study of Language in North America*. A social history. Amsterdam: J. Benjamins, 1994.

NOORDEGRAAF, Jan. National Traditions and Linguistic Historiography. The case of general grammar in the Netherlands. In: HÜLLEN (ed.), 1990. p.287-302.

PARRET, Herman (ed.). *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin: de Gruyter, 1976.

PERCIVAL, W. Keith. The Applicability of Kuhn's Paradigms to the History of Linguistics. *Language* 52, 1976, p.285-294.

RIDRUEJO, Emilio. Lingüística misionera. In: DORTA ; CORRALES ; CORBELLA (eds.), 2007. p.435-477.

ROBINS, Robert H. Some Continuities and Discontinuities in the History of Linguistics. In: PARRET (ed.), 1976. p.13-31.

ROGGENBÜCK, Simone. *Die Wiederkehr der Bilder*. Arboreszenz und Raster in der interdisziplinären Geschichte der Sprachwissenschaft. Tübingen: Narr, 2005.

SCHMITTER, Peter. *Untersuchungen zur Historiographie der Linguistik: Struktur – Methodik – theoretische Fundierung*. Tübingen: Narr, 1982.

_____ (ed.). *Geschichte der Sprachtheorie*. Tübingen: Narr. 1987–2007. 9 v.

_____. Historiographie und Metahistoriographie. In: HÜLLEN (ed.), 1990. p.35-48.

_____. Narrativity as a metahistorical term: Some systematic and historical considerations. In: CARLON, K.; DAVIDSE, K.; RUDZKA-OSTYN, B. (eds.). *Perspectives on English*. Studies in honour of Professor Emma Vorlat. Leuven: Peeters, 1994. p.140-157.

_____. Der Begriff des Forschungsprogramms als metahistoriographische Kategorie der Wissenschaftsgeschichtsschreibung der Linguistik. In: SCHMITTER; VAN DER WAL (eds.), 1998. p.133-152.

_____. *Historiographie und Narration*. Metahistoriographische Aspekte der Wissenschaftsgeschichtsschreibung der Linguistik. Tübingen: Narr; Seoul: Sowadalmmedia, 2003.
SCHMITTER, Peter; Marijke VAN DER WAL (eds.). *Metahistoriography*. Theoretical and methodological aspects of the historiography of linguistics. Münster: Nodus, 1998.

SCHON, Donald. *Invention and the Evolution of Ideas*. London: Tavistock, 1963.

SEBEOK, Thomas A. (ed.). *Current Trends in Linguistics*, vol. 13: Historiography of Linguistics. The Hague: Mouton, 1975.

SIMONE, Raffaele. Purus historicus est asinus: Quattro modi di fare storia della linguistica. *Lingua e Stile* 30, p.117-126, 1995.

STAMMERJOHANN, Harro (ed.). *Lexicon grammaticorum*. A bio-bibliographical companion to the history of linguistics. Second edition. Tübingen: Niemeyer, 2009.

STEGMÜLLER, Wolfgang. *The Structuralist View of Theories*. Berlin: Springer, 1979.

SWIGGERS, Pierre. The History-writing of Linguistics: A Methodological Note. *General Linguistics* 21,v.1, p.11-16, 1981a.

_____. Comment écrire l'histoire de la linguistique?. *Lingua* 55, p.63-74, 1981b.

_____. La méthodologie de l'historiographie de la linguistique. *Folia Linguistica Historica* 4, p.55-79, 1983.

_____. La construction d'une théorie de l'historiographie de la linguistique: quelques réflexions méthodologiques. In: AUROUX, S. et al. (ed.). *Matériaux pour une histoire des théories linguistiques*, Lille: Presses Universitaires de Lille, 1984. p.15-21.

- _____. Histoire et histoires de la linguistique: Bibliographique systématique. *L'Information grammaticale* 32, p.29-31, 1987a.
- _____. Remarques sur le langage historiographique. In: RION, P. (ed.). *Histoire sans paroles*, Louvain-la-Neuve: Peeters, 1987b, p. 29-48.
- _____. Les premières grammaires des vernaculaires gallo-romans face à la tradition latine: stratégies d'adaptation et de transformation. In: ROSIER, I. (ed.). *L'héritage des grammairiens latins de l'Antiquité aux Lumières*, Paris: Société pour l'Information grammaticale, 1988. p.259-269.
- _____. Reflections on (Models for) Linguistic Historiography. In: HÜLLEN (ed.), 1990. p.21-34.
- _____. L'historiographie des sciences du langage: intérêts et programmes. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF LINGUISTS, 14, 1987 (August 10 – August 15), Berlin/GDR, *Proceedings, Berlin*: Akademie-Verlag, 1991a. p.2713-2716
- _____. Creuser dans l'histoire des sciences du langage: vers une archéologie du savoir linguistique. In: SAINT-GERAND, J.-Ph. (ed.). *La constitution du document en histoire des sciences du langage* (= *La Licorne* 19), 1991b. p. 115-134.
- _____. L'étymologie: Les transformations de l'étude historique du vocabulaire aux Temps Modernes, 1996. In: Schmitter ed. 1987–2007. v. 5, p. 352-385.
- _____. *Histoire de la pensée linguistique*. Paris: P.U.F., 1997.
- _____. History of Linguistics. In: *Encyclopedia Americana*, v. 17, 532f-532p. New York: Grolier, 1998.
- _____. History of Linguistics: Overview. In: FRAWLEY, W.J. (ed.) *International Encyclopedia of Linguistics*, Oxford: Oxford University Press, 2003a. v. 2, p. 180-183.
- _____. Continuités et discontinuités, tension et synergie: les rapports du latin et des langues vernaculaires, reflétés dans la modélisation grammaticographique. In: GOYENS, M.; VERBEKE, W. (eds.). *The Dawn of the Written Vernacular in Western Europe*, Leuven: Leuven University Press. 2003b. p. 71-105.

_____. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. In: Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. Congreso Internacional de la SEHL , IV, 2005 (22 al 25 de octubre), La Laguna (Tenerife). *Actas...* (ed. CORRALES ZUMBADO, C. ; DORTA LUIS, J. *et al.*) Madrid: Arco Libros, 2004. v. I, p. 113-146.

_____. Another Brick in the Wall: The Dynamics of the History of Linguistics. *Amicitia in Academia. Composities voor Els Elffers* (ed. NOORDEGRAAF, J.; VONK, F.; VAN DER WAL, M.). Münster: Nodus. 2006, p. 21-28.

_____. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista argentina de historiografía lingüística* 1, p. 67-76, 2009.

_____. L'homme et la matière grammaticale: Historiographie et histoire de la grammaire. No prelo.

SWIGGERS, Pierre ; DESMET, Piet ; JOOKEN, Lieve. Metahistoriography Meets (Linguistic) Historiography. In: SCHMITTER ; VAN DER WAL (eds.). 1998a. p. 29-59.

_____. History, Historiography, Metahistoriography: The (Non Trivial?) Sign of Three; or, History, Where are You?. In: SCHMITTER;VAN DER WAL (eds.) 1998b. p. 77-85.

SWIGGERS, Pierre; WOUTERS, Alfons (eds.). *Ancient Grammar: Content and Context*. Leuven - Paris: Peeters, 1996.

TOULMIN, Stephen. *The Philosophy of Science*. London: Hutchinson, 1960.

VEYNE, Paul. *Comment on écrit l'histoire*. Essai d'épistémologie. Paris: Seuil, 1971.

WALDMAN, Nahum. The Hebrew Traditon. In: SEBEOK (ed.), 1975. p.1285-1330.

ZWARTJES, Otto; ALTMAN, Cristina (eds.) *Missionary Linguistics II/Lingüística misionera II*. Amsterdam - Philadelphia: J. Benjamins, 2005.

ZWARTJES, Otto; HOVDHAUGEN, Even (eds.) *Missionary Linguistics [I]/Lingüística misionera [I]*. Amsterdam - Philadelphia: J. Benjamins, 2004.

ZWARTJES, Otto; JAMES, Gregory; RIDRUEJO, Emilio (eds.) *Missionary Linguistics III/Lingüística misionera III. Morphology and Syntax*. Amsterdam - Philadelphia: J. Benjamins, 2007.

AUTOR

¹ Pierre SWIGGERS, Doutor.

Katholieke Universiteit (K.U. Leuven), Center for the Historiography of Linguistics.

swiggers@arts.kuleuven.ac.be
